

INOVAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: O QUE É? COMO FAZER?

Maria Cleci Venturini¹
Marilda Lachovski²

O homem como linguagem, a linguagem no lugar do homem, será o gesto desmistificador por excelência, que introduz a ciência na zona complexa e imprecisa do humano, no ponto onde se instalam (habitualmente) as ideologias e as religiões. É a Linguística que parece ser a alavanca dessa desmistificação; é ela que põe a linguagem como objeto da ciência, e que nos ensina as leis do seu funcionamento. (KRISTEVA, 1969, p. 14).

A Revista Interfaces, da UNICENTRO, entra no décimo quarto ano de funcionamento. Nunca deixou de circular. Publicou pesquisas de Linguística, de Literatura, de Ensino e áreas afins, entendendo que a produção do conhecimento se dá em rede e demanda a mobilização de mais de um domínio e mesmo assim, não se constitui como totalidade. Na apresentação desse primeiro número de 2023, pensamos no que dizer sobre a área de Linguística e Literatura e perguntar sobre INOVAÇÃO, palavra que está em voga e com a qual precisamos conviver e praticar. Diante disso, há uma inquietação grande, tendo em vista que, olhando os precursores, aqueles que produziram conhecimento sobre a linguagem, e quando dizemos linguagem, dizemos Literatura, tanto pesquisaram e inovaram, sem relegar ou negar os precursores, tendo em conta que nada se cria sem um ‘antes’, que pode ser questionado, referendado e avançar, mas jamais desconsiderado.

Com frequência vemos que as agências de fomento colocam a inovação como um dos critérios de avaliação dos nossos projetos. Diante disso, não podemos deixar de pensar e destacar o que é INOVAR e de nos posicionarmos, mostrando o quanto fazemos e o quanto esse nosso fazer redundará em ganhos nos demais domínios do conhecimento. Assumimos, do nosso lugar de pesquisadores, que produzir conhecimento é adentrar, como nos diz Kristeva (1969, p. 14), “na zona complexa do humano”, introduzindo a ciência nessa ‘zona’, na qual “instalam-se (habitualmente) as ideologias e as religiões”, num tempo em que os sujeitos negam a ideologia e ideologicamente se dizem neutros, mas o tempo todo repetem ‘Deus abençoe’, esvaziando o dizer, numa repetição infanda que faz pouco eco e não convence. O contraditório está em colocar no mesmo eixo, como faz Kristeva (1969), com muita propriedade, “o homem como linguagem, a linguagem no lugar do homem [...]”, sem destacar o quanto a linguagem em sua não-transparência possibilita a inovação de sentidos, por meio de deslocamentos, de rupturas e do trabalho com o equívoco. Não temos

1 Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Docente do Departamento de Letras (DELET/G) e dos Programas de Pós-graduação em Letras da UNICENTRO e da UFPR. Editora da Revista Interfaces.

2 Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Estágio pós-doutoral em andamento, pela Unicentro, sob a supervisão de Maria Cleci Venturini. Bolsista CAPES.

respostas prontas e vimos que pouco se escreve sobre inovação na nossa área. Propomos apenas pensar no que seria INOVAÇÃO, quando o objeto da pesquisa em Letras é a linguagem, seja na Literatura ou na Linguística, não há como prescindir da palavra, da linguagem, da língua.

O texto que recortamos para embasar nossas reflexões trata da história da linguagem, sinalizando que o seu objeto é a linguagem e que a Linguística como uma parte da ciência nos ensina “as leis do seu funcionamento” (KRISTEVA, 1969, p. 14). Entretanto, as ‘leis’ do funcionamento da linguagem só avança quando os sujeitos INOVAM, repetem e de tanto repetir instauram o novo. Cada um pratica a linguagem de acordo com suas tomadas de posição, mantendo-se dentro das regras e das ‘leis’ de cada língua e de cada grupo social. Vale destacar que Kristeva trabalha com a história da Linguística e também com a Literatura, abarcando a linguagem na Literatura, pensando a intertextualidade, a performatividade e a produção. Nosso objetivo, trazendo a pesquisadora, é dar visibilidade ao que se faz nas interfaces, destacando a não-divisão entre a língua na Linguística e na Literatura.

Fazer interfaces, como se pode ver, é complexo e trabalhamos essa complexidade nas escolas, nas universidades, na pós-graduação e, muito especialmente, em nossas pesquisas. E isto não é inovação? As palavras são ‘incertas’ e não há coincidências do dizer, há uma pluralidade de sentidos (AUTHIER-REVUZ, 1998) e, segundo Pêcheux ([1975] 1997, p. 91), “o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses personagens tenham o mesmo discurso”. Dessa forma, o fundador da Análise de Discurso destaca que há uma base linguística, mas há também, os processos discursivos, que não são iguais para todos, destacando a autonomia relativa da lín-

gua.

Vale destacar ainda, a partir de Orlandi (2004), a incompletude da linguagem, referendado que os sentidos nunca são os mesmos, eles dependem de sujeitos. Quando referimos a isso, pensamos em Rancière (1996), ao destacar o desentendimento como parte do político, tendo em conta que os sujeitos dizem a mesma coisa, mas cada um compreende à sua maneira, de acordo com suas filiações ideológicas, construindo evidências que serão derrubadas por analistas de discurso, que colocam as evidências em suspenso, pois essas têm como marca a incompletude que se constitui pelo que é silenciado, ao que não se fecha.

‘Olhamos’ para a trajetória de quatorze anos da Revista Eletrônica Interfaces e pensamos nos artigos que publicamos, nos modos como apresentamos a revista e, pensamos no número de pesquisadores que foram presença e nas diferentes teorias e objetos analisados. Há os artigos de pesquisadores que já têm uma boa caminhada, mas há também a contribuição daqueles que estão ainda chegando na pós-graduação. Cabe à Revista acolher, enviar para os avaliadores ad doc e dar a conhecer a cada articulista o resultado das avaliações, buscando não o afastar da revista e nem o ferir com o teor dos pareceres, mas contribuir para o crescimento e para o aprimoramento das pesquisas. Cabe a nós esclarecer acerca da necessidade de respeitar àqueles que deixam as suas atividades para ler o que escrevemos e para mostrar caminhos que vão nos ajudar a melhorar a nossa escrita. Isso é produzir conhecimento, é inovar.

No título deste texto, há duas perguntas: o que é INOVAÇÃO e como se faz? A forma como tratamos a linguagem nos permite responder que inovação é pesquisa, especialmente quando a linguagem, o social, o humano e artes são o centro, como prática. A inovação se faz em cada nova pesquisa, em cada número publicado e a partir de cada articulista e consultor ad doc. Ela se faz no tudo e é por isso que defendemos a longevidade dos periódicos, pois eles permitem

que todos possam se dar “a ver”.

Nesse número, como é usual, temos textos de Linguística, de Literatura, envolvendo ensino e artes. Há, neste número da Revista Interfaces, diversas instituições envolvidas e de diferentes regiões do país, destacando-se a própria UNICENTRO, a UFPR, a UFSM, a UFMT, a PUC-Minas, a PUC-São Paulo, a UNIOESTE, a UNESP, a UNIFAL, a UFRJ e, advindos dessas instituições, acolhemos mestrandos, mestres, doutorandos e doutores.

Nessa edição, no primeiro artigo, de Gabriela Gonçalves Ribeiro e Verli Fátima Petri da Silveira (UFSM), intitulado “Projeto Vivências: produzindo sentidos na escola Paulo Freire”: uma análise discursiva de verbetes que deram voz aos estudantes em processo de formação”, as autoras relatam que o Projeto Vivências surgiu com o objetivo de produzir verbetes partindo das expressões e palavras usadas pelos alunos, registrando suas vivências em um livreto que foi construído ao longo das atividades. Logo, buscam apresentar o projeto, e embasadas na análise de discurso pêcheuxtiana, produzem uma análise dos verbetes “racismo” e “sonho”, identificando como ocorre a tomada de posição e a autoria dos alunos, em comparação aos sentidos já estabelecidos anteriormente para essas palavras.

Na sequência, Mariana Oliveira Arantes (UNESP) nos apresenta “Lúcio Cardoso no moderno teatro brasileiro: uma leitura do drama-da-vida na dramaturgia O escravo”, sob a perspectiva do conceito de drama-da-vida, teoria exposta por Jean-Pierre Sarrazac, O escravo. A autora destaca que em 1943 se dá o início do teatro brasileiro moderno, ano no qual a obra em análise estreia nos palcos brasileiros, e por questões de crítica e público, caiu no esquecimento. Logo, para a autora, é a partir da perspectiva de dramatização-desdramatização debatida por Sarrazac (2013; 2017) que se verifica no drama cardosiano personagens em percurso alterável, o que contribui para a leitura de um romance dramático.

Diogernes de Moraes Correa Alves e José Carlos Moreira (UFPR), põem em análise, sob o título de “Genivaldo de Jesus Santos: um gesto de análise sobre o discurso oficial de policiais no inquérito”, o caso de Genivaldo, torturado e assassinado por policiais rodoviários federais (PRF) no dia 25 de maio de 2022 em Umbaúba, Sergipe. A partir do texto de ocorrência policial elaborado por policiais envolvidos no episódio, apresentando uma versão em sua defesa, trabalham com os pressupostos teóricos da Análise de Discurso pêcheuxtiana e consideram a produção de discursos que visam legitimar o uso da violência como política de Estado no que se refere à população pobre, negra e periférica. Para tanto, os autores consideram na análise, as condições de produção, a memória discursiva e a ideologia, como noções que na Análise de Discurso fazem ressoar sentidos dessa violência nos discursos produzidos pela polícia, neste caso.

No próximo artigo, Luciano Marcos Dias Cavalcanti (UNIFAL/MG), em “Pedreiros e desterrados: a representação do trabalho urbano e rural nas canções de Chico Buarque”, busca refletir sobre a representação do mundo do trabalho urbano e rural na obra musical de Chico Buarque. A partir de “Pedro Pedreiro” e em “Construção”, aponta para a presença da figura do operário da construção civil, humilhado em suas precárias condições de trabalho. Segundo o autor, nessas obras, o trabalhador rural também terá seu espaço garantido nas composições de Chico, assim como são exemplares nas canções “Assentamento” e “Levantados do chão”, que colocam em evidência o trabalhador sem-terra em nosso país. Desse modo, em suas considerações, ressalta a relevância dessas para evidenciar a postura social e o modo pelo qual o compositor elabora suas canções, fazendo ressoar nelas a ordem injusta a qual o trabalhador brasileiro é submetido.

Maurício Engroff Bratz e Mirela Schröpfer Klein (UFSM), analisam “Os efeitos de sentido entre a e b: o discurso e o imaginário sobre a Ponte Internacional na Fronteira entre Porto

Xavier/San Javier”, e buscam compreender os efeitos de sentidos produzidos entre o discurso institucional e o discurso em circulação. Para tanto, tomam como objeto de análise o discurso institucional da Prefeitura Municipal de Porto Xavier e o discurso em circulação sobre a construção da Ponte Internacional na referida cidade e San Javier (AR), enunciado a partir dos sujeitos designados como porto-xavierenses. Como corpus, destacam um vídeo do Secretário Municipal de Desenvolvimento, Turismo e Mercosul de Porto Xavier, publicado na fanpage oficial da Prefeitura na rede social facebook, bem como os comentários proferidos a partir deste vídeo, materialidades analisadas sob o aporte teórico da Análise de Discurso pêcheuxtiana.

Em “Figurações da morte em Crônica de uma morte anunciada, de Gabriel García Márquez”, Felipe da Silva Mendonça (UEL), recorre a teóricos como Ariès (2012), Dastur (2002), Kübler-Ross (1996), Medeiros (2010) e Morin (1970), para seu gesto analítico acerca da forma romanesca e do romance curto de García Márquez. A partir da análise, o autor considera algumas figurações da morte na obra em foco, sendo elas: a relação entre morte e temporalidade; a morte enquanto experiência de outro; o horror à decomposição do cadáver; o homicídio como forma de afirmação da individualidade por meio do extermínio de outro; a negação da morte; a morte anunciada; e o compromisso com o corpo.

Já Rafael Adelino Fortes (UFMT), em “O trabalho, terror, o consumo e o discurso conservador em *Child’s Play* (2019)”, faz uma reflexão sobre o aspecto do terror e consumo apresentados na nova versão do filme *Brinquedo Assassino* (*Child’s play*), de 2019. O autor apresenta uma breve introdução sobre a relação entre os seres humanos e os brinquedos, e analisa as relações entre trabalho, produção e consumo com a proposta de como esses fatores interagem na vida cotidiana. Ainda, considera relevante a reflexão sobre os meios de produção como artefatos desenvolvidos em países subalternos, nos

quais, nas palavras do autor, os produtores não têm recursos econômicos para consumi-los, mas é exportado para atender às necessidades do capitalismo, principalmente nos Estados Unidos, onde se passa a trama.

Marilda Lachovski (UNICENTRO), em “‘O cemitério’ (MALDITO): por um enfrentamento da morte e da dor em Stephen King”, aborda na interface entre a literatura e a Análise de Discurso, a relação entre os significantes morte e dor; pensando em como se constrói na narrativa literária o enfrentamento da morte. Ancora-se na teoria literária, na compreensão do romance de mistério e horror; enquanto na perspectiva da Análise de Discurso, analisa o funcionamento da memória e do discurso na ressignificação da morte e da dor, na e pela literatura. Considera em sua escrita que a literatura e a Análise de Discurso têm como constitutiva a língua em sua não transparência, e sua incompletude, logo, aponta para uma relação de entremeio, considerando a produção de efeitos de sentidos sobre a morte e o sepultamento, como partes de um processo inevitável e não desejado.

Em “Seis jogadores à procura de um tabuleiro: bonecos de papel para la cambiale di matrimonio”, Leonardo Augusto Bora (UFRJ), questiona as fronteiras entre as linguagens artísticas e o caráter lúdico de um espetáculo operístico. A partir de Johan Huizinga, permeando o campo das artes do espetáculo e da teoria teatral, enfoca a concepção dos figurinos da montagem de *La Cambiale di Matrimonio* do projeto *Ópera* na UFRJ, que tinha com estreia originalmente prevista, o primeiro semestre de 2020. Após apresentar o projeto, o autor aponta para os movimentos de pesquisa realizados para a idealização das roupas dos seis personagens que ocupam a cena, destacando os desafios impostos pelo contexto pandêmico. Defende, portanto, que o espetáculo, mais do que o “produto final”, pode ser a relação efetiva entre práticas artísticas híbridas e transdisciplinaridade.

Alzira Fabiana de Christo (UNICENTRO), em “Experiência e leitura literária na

obra de Miguel Sanches Neto”, analisa aspectos relacionados à leitura e a formação do leitor literário nas obras *Chove sobre minha infância* (2000), *Herdando uma biblioteca* (2004) e *Venho de um país obscuro* (2005), de Miguel Sanches Neto. Em relação ao arcabouço teórico utilizado ao longo da pesquisa, a autora destaca as obras de W. Benjamin (1994; 2002; 2011) e A. Assmann (2011; 2013). Considerando a escola e a leitura como temáticas recorrentes nas obras do escritor, Christo considera importante desenvolver a pesquisa a respeito deste tema a fim de saber como esse processo de formação de leitor literário ocorreu e é representado em suas obras, objetivando uma reflexão em relação às práticas de leitura ao longo da história e o papel ocupado pelos livros em nossa sociedade. Nesse sentido, põe em suspenso a necessidade de políticas públicas que contribuam para a formação do leitor literário.

Aline Fatima Moi e Dantielli Assumpção Garcia (UNIOESTE), em “Meu lar, meu altar: uma análise discursiva”, buscam refletir como se formula e se constitui um discurso a respeito da posição que a mulher cristã deve ocupar em seu lar. Com o objetivo de analisar como circula um dizer sobre a posição dessa mulher na narrativa religiosa e compreender se esse contribui, de algum modo, para a perpetuação de formulações que a violentam nesse espaço doméstico, questionam: “Como se formula e se constitui um dizer sobre posição que a mulher cristã deve ocupar em seu lar?”. Para dar contornos à questão, conduzem a análise de uma publicação feita no Instagram pela página Meu lar Meu altar, que determina, segundo as autoras, algumas atitudes a serem desenvolvidas pelas mulheres em suas casas. A partir da referida leitura, consideram que o discurso religioso determina posições inferiores à mulher e a responsabilidade integral pela família, marido, filhos e pelo lar, nomeando-a como auxiliadora e cooperadora de seu marido, abrindo margem para dizeres violentos e para o silenciamento.

Em “Discurso e Estética da Existência a partir dos mistérios de Clarice Lispector”, Thaise Maria Armelin Elias e Denise Gabriel Witzel (UNICENTRO), abordam, a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos, como se produz um ar de mistério sobre Clarice Lispector e sua escrita. Nas palavras de Moser (2017, p. 14), na biografia Clarice, a escritora é considerada uma figura indescritível e enigmática, a “Esfinge do Rio de Janeiro”. Nesse sentido, as autoras analisam os discursos materializados nessa biografia, atentas à relação entre língua, história e sujeito, relacionando os mistérios de Clarice a uma estética de existência. Apontam, então, para as reflexões que dão relevo aos acontecimentos e demandam os modos de subjetividade de Clarice Lispector, como uma mulher que não se enquadrou aos preceitos morais e éticos do seu tempo, e mostrou que é possível lutar contra eles.

Heitor Pereira de Lima (PUC-Minas), apresenta “O tolo sujeito ou o sujeito tolo? A categoria de sujeito da análise de Discurso mobilizada em teses da área de Letras”, e busca pensar como a categoria de sujeito comparece em sete teses da área de Letras, desenvolvidas em um Programa de pós-graduação de uma universidade privada, localizada em Minas Gerais, no ano de 2020. O corpus de análise foi construído a partir de recortes feitos na introdução das referidas teses, a partir dos quais se buscou observar marcas linguístico-discursivas que apontam para onde os trabalhos olham ao mobilizarem a noção de sujeito, bem como quais outras categorias são postas em movimento para o desenvolvimento teórico-metodológico das pesquisas. Para o autor, a análise demonstra como a noção de sujeito discursivo, baseada principalmente em Pêcheux ([1975] 2014), Orlandi ([1999] 2015), Indursky (2008) e Leandro-Ferreira (2010), por toda sua complexidade, está em funcionamento numa rede teórica que a entrecruza com outras noções, contemplando sua dimensão.

“Entre o real e o imaginário, o testemunho de Primo Levi em “É isto um homem?”, de autoria de Paulo Ricardo do Prado (UFPR) e

Maria Cleci Venturini (UNICENTRO/UFPR), traz como objeto de análise a obra *É isto um homem?*, de Primo Levi ([1947] 1988). A partir desse objeto, os autores buscam o efeito de realidade produzido pelo discurso, que transita entre o real e o imaginário, instaurando efeitos de sentido de que o acontecido se contrapõe ao imaginário. Consideram que Levi, sobrevivente do Holocausto, presenciou e vivenciou o genocídio e o seu texto se constitui pelo olhar de testemunha, inscrita na formação discursiva dos judeus, e nesse sentido, a obra, segundo os autores, apresenta uma ‘versão’ do Holocausto vivenciada por um prisioneiro/sobrevivente em campos de concentração.

Denise Machado Pinto (UFSM), elabora “Algumas reflexões iniciais sobre o cinema na Análise de Discurso”, e põe em suspenso como trabalhar com o funcionamento da materialidade fílmica, bem como analisar imagens em movimento, e, por fim, como identificar as marcas e estabelecer recortes nesse tipo de material. Com essas questões como base, a autora tem como objetivo apresentar formas de compreender a leitura de arquivo em Análise de Discurso de linha pècheuxtiana em material de ordem fílmica, na prática do pesquisador ou do professor de língua portuguesa. Para tanto, metaforicamente, propõe um passeio entre as noções de leitura, autoria e recorte, visando construir caminhos de reflexão para o cinema como discurso, tanto posto metodologicamente em análise, como inserido no ensino básico.

Em “Álbum de família de Nelson Rodrigues: uma obra ficcional com cinco capas”, José Luiz Cordeiro Dias Tavares e Elisabeth da Penha Cardoso (PUC/SP), perpassam as proposições de Lejeune (2014) e Doubrovsky (2014) quanto à autobiografia e à autoficção; Colonna (2014) quanto a categorias autoficcionais; Barthes (2001) quanto ao discurso não conter pensamentos táticos de realidade; Rilke (2009) de quem acolhem a recomendação da escrita literária como um impulso na vida de quem a ela se aventura e, apoiados por Lebrun (2009), que

considera que o motor de uma ação é o objeto de uma pulsão, buscam responder se haveria um agente provocador que costurasse determinados elementos das categorias autoficcionais na composição literária da obra *Álbum de família* que justificaria a existência de uma quinta capa.

“A literatura e o sagrado: uma reflexão em torno da obra *Niketche*, uma história de poligamia, de Paulina Chiziane”, de Gilson Ventura (PUC/Minas), propõe reflexões em torno dos aspectos do sagrado, na obra *Niketche: uma história de poligamia* da escritora moçambicana Paulina Chiziane. De acordo com o autor, ao se pensar sobre as Literaturas e suas definições, parece impossível fazê-lo sem que se perpassasse não só a discussão da variabilidade de conceitos a que a palavra remete como também os vários teóricos que procuram defini-la, cada um de acordo com suas pesquisas desenvolvidas. Além disso, para ele, esses estudiosos costumam se ater aos importantes papéis dos quais a literatura se encarrega na construção de pensamentos e interpretação da sociedade, o que justifica a sua escolha pelo teórico Antonio Candido como base para sua análise.

Janaina Palhano Andrade e Cibele Krause-Lemke (UNICENTRO), se dedicam em analisar “As línguas de imigração na construção da paisagem linguística da Colônia Witmarsum (PR): uma ação político-linguística”. As autoras apresentam uma análise da paisagem linguística da Colônia Witmarsum (PR), considerada como um espaço de diversidade linguística e cultural, devido ao contato de três línguas: o Plautdietsch (dialeto alemão), o Hochdeutsch (alemão standart) e o Português. Apontam para a utilização de uma pesquisa de campo, interdisciplinar e qualitativa, com um viés quantitativo, e para a organização/construção do corpus, elaborado por registros fotográficos. As autoras ainda refletem como as unidades contribuíram para a análise da articulação, visibilidade e vitalidade das línguas na representação dos espaços públicos desse local.

Paulo Deboleto e Tania Stoltz (UFPR),

no artigo “O mar que não devolve seus afogados - notas sobre o Édipo em ‘Senhora dos afogados’”, consideram teatro e psicanálise como áreas que dialogam entre si. Nesse sentido, destacam a produção do dramaturgo Nelson Rodrigues e analisam a expressão do complexo de Édipo e suas manifestações na peça *Senhora dos afogados*. Consideram que a partir da apresentação das características da obra rodriguiana e das elaborações freudianas, bem como dos seus comentadores sobre o complexo de Édipo, é possível perceber aspectos da relação de Moema com seu pai e sua mãe e sua ligação com o Édipo feminino; o ódio do noivo por seu pai e a relação de Paulo com sua mãe e suas associações com o complexo de Édipo.

Para finalizar a edição, Neosane Schlemmer (UFSM), tece em “Gestos interpretativos investidos em duas versões da canção popular infantil ‘O cravo e a rosa’”, reflexões em torno do funcionamento da memória discursiva, a qual possibilita e fundamenta todo o dizer na sociedade e na história, sendo ela constitutiva da língua, em que se (re)produzem sentidos pela retomada de já-ditos, na referida canção popular. Pensando sobre a versão de “O Cravo e a Rosa”, de Rubinho do Vale/Domínio Público e, também, sobre sua reescrita, desenvolvida por Isaque Folha, afirma ser possível explicitar que o sujeito-cantor da primeira versão se inscreve em uma formação discursiva (FD) patriarcal e posição-sujeito machista, que reproduz um discurso violento contra a mulher. Acerca do gesto de leitura investido pelo sujeito-cantor/compositor da releitura, em que ele retoma dizeres já-ditos, considera em sua análise que ele acaba por reforçar o que já estava legitimado na versão original, sem alterar significativamente os sentidos já postos.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. Claudia R. Castellanos Pfeiffer et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1969.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes: 2004.

PÊCHEUX, Michel. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento política e filosofia*. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.